



COLEÇÃO
PENSAMENTO AMAZÔNICO
SÉRIE ANDRÉ ARAÚJO - V. 13

Ensaaios ligeiros

Zemaria Pinto



Academia Amazonense de Letras

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA/DIAGRAMAÇÃO **ÂNGELO LOPES**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA **LUIZ FELIPE | KARLA COLARES**

P659e Pinto, Zemaria.

Ensaaios ligeiros / Zemaria Pinto. – Manaus:
Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de
Estado de Cultura, 2014.

256p. ; cm
Inclui Nota sobre o Autor.

ISBN 978-85-65409-46-9

1. Literatura Amazonense – Ensaio. 2. Prosa.
3. Poesia. 4. Antologia. 5. Memória. I. Título.

CDD 869.4
CDU 82-4(811.3)

2014

GRÁFICA ZILÓ

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR



SUMÁRIO

Impressões de um leitor	9
Prólogo	11

LEITURA & LITERATURA

A leitura e o princípio do prazer.	13
Arte e literatura de ficção	15
Sobre poesia, poemas & poetas	19
Literatura amazonense de invenção	25
A ficção no Amazonas – referências	29
Suplemento Literário	33
Amazonas, um alternativo oficial	33

POESIA DO CHÃO

Rasos d' água, pélagos profundos	x
Thiago na luz de Thiago 45 anos de ternura e poesia	45
Thiago de Mello, de uma vez por todas, agora	49
Antísthenes Pinto, uma apresentação	55
Jorge Tufic, um poeta à parte	63
Frontões, um marco de passagem.	69
Filhos da várzea – Verdade & Arte	75
O efêmero eterno simplicidade e leveza nas Folhas da selva	79
Poesia minimal, a prática da teoria	83
À deriva, na varanda, e o perau do pensamento	87
Almir Diniz, pintor da natureza amazônica.	91
“Estatutos do Homem”, celebração da utopia	95
Semibreves & exercícios de harmonia, o cotidiano reinventado	99
Do êxtase à vertigem	101
Lirismo, sensualidade e humor na poesia de Cândida Alves	103

Sopros do oboé, inusitado e precioso	107
Três palavras para o CLAM.	109
Entre Ariel e Caliban	111
Os signos da modernidade na Suíte para os habitantes da noite	113

UNS DEDOS DE PROSA

Antologia do conto do Amazonas – Apresentação	119
Terra de icamiaba, uma utopia amazônica	123
Afinal, o que é “regionalismo”?	127
Simão Pessoa e a arte de ser canalha	131
Mais um mito que desaba: a AMOAL sem segredos	133
Discurso apresentando Só a educação transforma os povos e Em memória de Paulo Jacob	137
O tempo aprisionado em dois tempos	143

PARLENDAS

“Somente sou quando em verso” – conversando com Thiago de Mello	145
Luiz Bacellar além da poesia	153

FRONTEIRAS

O adultério ao alcance de todas – estudos de casos	159
As mulheres proibidas de Eça de Queirós.	163
Apresentando Machado de Assis	167
Memorial de Aires, o elogio da velhice	169
Borges & Borges ou o enigma do outro	171
Assis Brasil e a poesia brasileira no século XX	175
Sobre livros, não-livros, nuvens e outros símbolos	179
Cem anos de solidão: do caos ao caos	181

A PALAVRA EM CENA

A trajetória do mito n’A maravilhosa história do sapo Tarô-Bequê	185
Nelson Rodrigues, o reacionário anarquista	189

A paixão segundo Arrabal	193
Antonin Artaud e a estética da vertigem	197
Qorpo-Santo: o elogio da loucura	203
Beckett, Krapp, a solidão e o nada	207
Dois extremos que se tocam	211
As mulheres de Sergio Cardoso: cem anos de solidão	215

PERFIS EM BRANCO E PRETO

Re(vi)vido Glauber	217
Arthur Engrácio e o homem natural	221
Os trezentos anos da morte do padre Antônio Vieira	223
Tenório Telles – romântico, sim, mas à moda antiga	225

NUMA NOTA SÓ

“Sampa”, um exercício intertextual	229
Paulinho da Viola, melancolia, humor e paixão	235
Originalidade e permanência em Ernesto Nazareth	239
Lindalva Cruz: reminiscências e sonhos	245

DUAS INTERVENÇÕES NO MUNDO REAL

Ecologia humana?	249
Meio ambiente e linguagem	251
Sobre o autor	253

PRÓLOGO

Todos os textos deste livro já viram a luz. No *Em Cena*, da TV Cultura do Amazonas, nos jornais *O Muhra* e *Amazonas em tempo*, de Manaus, n’*O Pão* e no *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, e, pela Internet, no *Blocos Net*, no *Jornal de Poesia*, e, claro, no *Palavra do Fingidor*. Alguns vieram à luz como apresentação, outros sob a forma de orelhas. Mas não vou dizer o que é o quê, deixando pelo menos um enigma ao leitor.

Poderiam ser muitos mais. Selecionei apenas os que tinham alguma consistência que o tempo não afetou. Por isso chamei-os – sem vestígios de pudor ou falsa modéstia – de ensaios. Ensaios ligeiros, escritos depois do expediente ou durante o fim de semana, às vezes pretensiosos, quase sempre apaixonados. E provincianamente mal pagos.

Anacronismos há muitos. Abstive-me de atualizar os textos ou informar datas. Isso, me parece, soaria como um ridículo pedido de desculpas ou, pior, seria desonesto com o leitor que está chegando agora.

Quanto à falta de unidade, que dizer? Nestes vinte anos, não me faltou incoerência. E como não pretendo morrer nos próximos cinquenta, este é um trabalho em andamento – *work in progress*, como dizem os que mal sabem o português.

(ZmP)

A LEITURA E O PRINCÍPIO DO PRAZER

Não há nada mais chato que ler um livro por obrigação. Espero que não seja este o seu caso. Aliás, tudo o que fazemos forçados é inconvenientemente doloroso. É preciso ter prazer naquilo que se faz.

Com a leitura não é diferente. Além do mais, o tempo dedicado a um livro é relativamente maior que a qualquer outro tipo de fruição intelectual. Aí vem sempre aquela velha desculpa: já não tenho tempo para ler livros. Mas o sujeito tem tempo para ir ao cinema, surfar na Internet, jogar conversa fora com os amigos e outros passatempos que lhe dão prazer.

Por isso, se você gosta de ler mas não tem tempo, ou então você, que está começando agora, e não consegue encontrar um livro que não seja chato, um conselho: experimente a leitura por duas, três, quatro páginas. Se não lhe der prazer, *tesón*, como dizem os hispanos, esqueça: esse livro não lhe merece. Ou vice-versa.

Porque um livro só é verdadeiramente um livro quando encontra um leitor. Livros que enfeitam estantes são tão inúteis quanto uma roda quadrada. O leitor deve interagir com o livro, deve vivê-lo plenamente, mas sem esquecer que o tempo de fruição é mais elástico que o de outras atividades.

Literatura não é cinema, que é consumido numa única sessão de, em média, duas horas. A leitura de um bom livro exige muitas horas e vários dias de dedicação. E se o prazer se mantém, se multiplica, quem ganha é o leitor.

Uma das mais interessantes teorias sobre a interpretação da obra literária é a estética da recepção, que procura analisar a obra literária em função dos inúmeros tipos de leitor que ela pode ter. Aliás, a verdadeira obra de arte traz consigo inúmeras possibilidades de interpretação.

Ao contrário da pose passiva que se esperaria de um leitor em contato com o livro – o livro como um repositório de informações, o leitor como destinatário –, cada leitor se posicionará em relação ao livro de maneira ativa, interagindo com ele de acordo com o seu nível de conhecimento – escolaridade, meio social, religião, profissão, enfim, o seu ambiente.

Se dois leitores de dois ambientes diversos lerem o mesmo livro, sem dúvida nenhuma produzirão pelo menos duas leituras diferentes.

A Bíblia, por exemplo, que é uma verdadeira floresta de símbolos, terá variadas interpretações se lida sob a luz das várias teologias, e outras tantas ainda quando lida pelo homem comum ou por um intelectual anarquista.

Livro magnífico que é, a leitura da Bíblia não se esgotará jamais, e as divergências ajudarão a iluminá-la com a serena vela da dúvida e a torturante chama da paixão.

Porque essa é a essência da relação leitor/livro: se cada ser humano é único na imensidão do universo, cada livro será, para cada leitor, uma experiência singular, intransferível.

ARTE E LITERATURA DE FICÇÃO

1. Começemos por invocar o velho Aristóteles, para quem a natureza da arte é a imitação. A arte imita o real, reproduz as aparências da vida, os aspectos essenciais das coisas. O que distingue a arte é o meio e a forma escolhidos para a imitação. A arte que se manifesta através da escrita é a Literatura. Mas, perguntemo-nos, todo trabalho impresso é literário, ou seja, contém elementos estéticos que possam defini-lo como obra de arte?

Para os gregos, a beleza estética estava diretamente relacionada com o equilíbrio e a simetria, logo, o Belo, tanto no sentido estético quanto no sentido moral, as belas coisas e os bons sentimentos, era aquilo que deveria ser imitado, aquilo que deveria ser transformado em arte. A literatura dramática dos grandes autores gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides – reflete esse pensamento, na medida em que a catarse do leitor/espectador realiza-se num crescendo, resultando num estado de purificação, em que o mal é banido, ainda que temporariamente, das almas.

Mas já dois mil e quinhentos anos são passados desde que esses senhores ditaram as normas e confirmaram as regras. E hoje, como identificar uma obra de arte literária? Roman Jakobson, pensador contemporâneo, criou o conceito de “literariedade” para identificar a obra de arte literária. Para ele o “objeto da análise literária não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária”. Ou uma obra de arte, eu completaria.

E o que seria, afinal, essa tal literariedade? Responde o próprio Jakobson: “é um desvio organizado na linguagem, uma vio-



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330
FAX: (92) 2125-5301**

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**